

Compondo no recreio: uma experiência para além das aulas de Música

Cemy Queiroz Diniz Junior
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
scott_collie@rocketmail.com

Resumo: Visando a ampliação do espaço da Arte no ambiente da escola de educação básica, o texto apresenta uma experiência de composição musical ocorrida fora da sala de aula, no período do intervalo, em uma abordagem distinta da trabalhada em classe, proporcionando uma prática motivadora. Com isso o presente artigo tem como objetivo descrever e refletir sobre o episódio vivido para além das aulas de Música de uma escola de educação integral da rede municipal de ensino de Maringá/PR, situada em uma região periférica da cidade, considerando o reconhecimento de Educadores e Pesquisadores de que através da composição os indivíduos manifestam de forma pessoal suas respectivas ideias musicais, revelando como pensam musicalmente.

Palavras chave: Composição Musical, Música no Recreio, Estágio Curricular em Música.

Introdução

O relato apresentado considera minha experiência enquanto estagiário de aulas coletivas de Música na Escola (...) ¹, em uma situação de composição musical com uma aluna do 4º ano fora do ambiente da sala de aula, no período referente ao intervalo. A referida situação relaciona-se com a minha perspectiva enquanto professor de Música, de modo que o ensino dos conteúdos musicais ocorre por meio da Composição.

As aulas de Música se dão no formato de oficinas compreendidas no período vespertino as terças, quartas e sextas-feiras, antes do recreio, com duração de 1h. Todos os estagiários, acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá (UEM), ministram uma aula por semana no mesmo horário, divididos entre os três dias citados.

Na situação de estágio estou à frente de uma turma de 5º ano – classe heterogênea com 30 alunos de 9 a 14 anos de idade – e noto que repertório comumente apreciado trata sobre temas como desigualdade social, violência urbana, ou estampam escritas ambíguas. Em âmbito geral esse repertório é negligenciado pelos professores das demais disciplinas, possivelmente até pela postura da coordenação da escola. Com isso, trago os conteúdos

¹ Preservou-se o nome da instituição.

musicais por meio da Composição, e de maneira aprazível as crianças constroem algo que lhes pertence. Desse modo, corroboro com Maffioletti quando afirma que:

“(…) propor à criança que ela faça uma música “como gosta, ou acha que fica bem” significa encorajá-la a encontrar, por si mesma, uma maneira de imprimir significado aos sons de sua composição” (MAFFIOLETTI, 2005, p.15).

Na literatura específica da área (BEINEKE, 2008; COTRIM, 2011) há um crescente interesse por parte dos Educadores Musicais pela composição, buscando novas perspectivas que se afastam do tradicionalismo e se aproximam da criação e reflexão, como afirma Cotrim:

“Os educadores alinham-se às propostas da nova música e buscam incorporar à prática da educação nas escolas os mesmos procedimentos dos compositores de vanguarda, evitando trabalhar somente a reprodução vocal e instrumental que domina a música tradicional” (COTRIM, 2011, p.15-16).

O espaço escolar

Neste ano a escola implementou um modelo de educação integral, e com isso determinadas questões ainda estão em transformação. O ambiente oferecido para que os alunos permaneçam do período matutino até às 16h pode ser segmentado em três partes: salas de aula – à direita; setores administrativos e coletivos (coordenação, diretoria, refeitório, etc.) – à esquerda; e entre eles um vasto pátio, que leva ao terceiro setor: quadra poliesportiva.

Devido à fase de experimentação do novo modelo, é frequente a mudança de horários, salas, e aulas, porém há dois intervalos que se mantem. O primeiro deles exige que os alunos permaneçam no refeitório para que possam comer frutas, sendo estabelecido um horário distinto para cada série. Já o segundo permite a saída coletiva, sendo o momento do intervalo, propriamente dito – no caso das terças, quartas e quintas-feiras, após a aula de Música.

Porém, embora haja um espaço demasiadamente grande no pátio, o regime da escola não permite a permanência dos alunos naquele local, logo todos devem ir para a quadra, retornando apenas ao soar do sinal. Caso algum aluno não esteja na quadra no período do intervalo, ele é advertido. Esse é o contexto em que desenvolve-se a experiência apresentada.

Fazendo música fora da classe

Em dado momento do primeiro semestre, após ministrar uma aula de Música para o 5º ano A, os alunos foram liberados para o recreio e eu me desloquei para o pátio. Lá sentei-me sobre o amplificador e permaneci a fim de praticar violão, desfrutando de alguns minutos disponíveis enquanto aguardava o término da aula dos demais estagiários para que pudéssemos discutir sobre nossas aulas. Agindo de tal forma repetidamente desde o início do ano, tornou-se um hábito. Esse hábito pouco a pouco aproximou as crianças, reunindo-se em volta para ouvir e conversar, comentando sobre o que foi tocado, relacionando com situações vividas em suas respectivas casas, pedindo músicas que gostariam de ouvir ou ainda salientando a vontade experimentar o instrumento. Interessante notar que não somente crianças do 5º A, turma com a qual desenvolvo meu estágio, mas de todos os anos.

Na ocasião supracitada, que confere ao período do intervalo, uma aluna do 4º ano após sua aula de Música veio até mim e pediu para que eu tocasse o violão. Há várias semanas ela vinha pedindo e eu a atendia. Dessa vez perguntei se ela poderia contar como havia sido sua aula antes que eu começasse, e ela respondeu que iniciaram a composição de uma música em grupo. Pedi a ela que cantasse, mas vergonhosa ela apenas disse que a sentença era “a vida no sertão é muito ruim”. Conversamos brevemente sobre o fato de a vida no sertão ser realmente ruim ou não, e que ela não poderia dizer aquilo, pois não conhece. Com sua admissão, eu disse a ela que na verdade era boa, expliquei os motivos e perguntei se ela gostaria de adaptar a letra, bem como criar um novo arranjo para sua música. prontamente esbravejou um ‘sim!’, e começou a explorar determinadas melodias enquanto recitava “a vida no sertão é muita boa”. Experimentamos juntos e, considerando minhas indicações, ela explorava possibilidades e sonoridades. Fazendo uso de apenas uma cadência perfeita sobre os acordes C, F e G, acompanhei ao violão sua voz cantando: “*A vida no Sertão é muito boa / Eu sei disso / Eu sei disso*”.

Ela mostrou-se entusiasmada pelo fato de criarmos juntos algo divertido, e em uma parcela tão curta tempo, e saiu pelo pátio afora cantarolando a melodia que ela mesma criou a partir do meu estímulo. De acordo com Mafioletti (2005) o “(...) envolvimento afetivo da criança com sua música propicia-lhe o prazer de usufruir de suas próprias ideias, porque elas não lhe fogem e podem ser reproduzidas novamente”. A Composição vai ao encontro de tal afirmação, pois desse modo, a criança produz algo aprazível para si, executável, descartando a

imposição do professor, e não desconsiderando a aprendizagem de conteúdos musicais, como é o caso da referida aluna que, a partir de agora, a fim de preservar sua identidade, será denominada como June. Segue abaixo a transcrição de sua composição.

FIGURA 1 – Composição de June

A Vida no Sertão

June

A vi-da no sertão é mui-to bo - a eu sei dis-so eu sei dis-so. A dis-so

Fonte: Registro do autor

Em uma ocasião vindoura, no momento do intervalo – assim como na situação anterior – ela veio até mim e, ao invés de pedir que eu tocasse uma Música, como era usual, pediu para que tocássemos a que compomos juntos há alguns dias, e assim fizemos, contando com seu entusiasmo. Em nossas ocasionais conversas, por diversas vezes falamos sobre gêneros, então fiz a ela o desafio de cantar naquele momento sua música em outros estilos. Inicialmente perguntei se conhecia um gênero intitulado Punk, e mostrei a ela o estereótipo com uma canção do Ramones – banda norte-americana precursora do movimento. Talvez por conta da velocidade e do caráter energético, ela se animou e nós tentamos. O resultado foi deveras interessante, pois embora a tonalidade e a progressão tenham sido mantidas, alterou-se o andamento, a estruturação dos acordes (quintas vazias) e dinâmicas (forte e incisivo). Na voz, desconstruiu-se o caráter melodioso e criou-se outra ambientação, com um canto quase falado e homoritmico, eliminando as colcheias pontuadas. Em seguida sugeri a ela o Blues que, devido a seus pedidos frequentes de músicas, já não era algo desconhecido. Ainda mantendo a tonalidade e progressão, regredi o andamento e inseri 6^{as} e 7^{as}, sugerindo o ‘ambiente musical’ para que ela pudesse improvisar sobre o novo gênero. Novamente ela se posicionou coerentemente, reconstruindo uma linha melódica e deixando a métrica mais fluida.

Durante o processo, em momento algum foram citados os termos anteriormente mencionados. Embora eventualmente eu sugerisse algo, os arranjos foram feitos considerando seu conhecimento. Segundo a autora Violeta H. de Gainza em seu texto “A Improvisação Musical como Técnica Pedagógica”, o ensino embasado exclusivamente nos moldes tradicionalistas, atuando incisivamente em aspectos técnicos não contempla integralmente o desenvolvimento musical do jovem, que deveria vir pelo caminho contrário, visando à musicalidade (GAINZA, 1990). Com um argumento que vai ao encontro de Gainza, o compositor e educador H-J. Koellreutter trás á juízo o ensino pré-figurativo, referindo-se ao afastamento do tradicionalismo e aproximando-se da criação e reflexão.

Outra vez, estava evidente na feição de June sua satisfação ao manejar novos elementos. Isso se deve a maneira como se desenrolou a situação, tendo em vista que estávamos em um ambiente descontraído, diferentemente da obrigatoriedade da sala de aula onde, por vezes, ainda há a presença do ensino estagnado no tradicionalismo sem considerar o perfil do aluno. Gainza defende ainda que a:

“(...) infância musical implica em jogo, liberdade, descoberta, participação e outras atitudes positivas que determinarão decisivamente as condutas e o desenvolvimento posterior do futuro músico ou aficionado musical” (GAINZA, 1990, p.22).

Ambos eventos não duraram mais do que alguns minutos, pois atraía a atenção de diversas outras crianças e fazia com que ficassem pelo pátio, onde é proibido estar durante o intervalo. Nas duas ocasiões, assim como em outras experiências fora da classe, ora a Coordenadora, ora Diretora, interromperam as atividades para dizer que os alunos não poderiam ficar ali e que deveriam ir para a quadra. Com isso, devido as regras de uso do espaço, as experiências extra-classe são limitadas.

Considerações

A experiência leva a refletir sobre a presença da Música em outros espaços da escola, bem como sobre as absorções dos alunos com relação às aulas de Música e a maneira como seu conhecimento é compartilhado com os demais. Desse modo, é imprescindível o olhar atento do Educador Musical ao que a criança apresenta nos mais diversos espaços, e não somente na sala de aula. A experiência em questão não estava prevista, logo o acontecimento

se deve a curiosidade da aluna propiciada pela presença das aulas de Música na escola. O ambiente é um dos aspectos relevantes para a aprendizagem. De acordo com Dogani há:

“(...) a necessidade dos professores estabelecerem condições para que a aula se torne um ambiente de trabalho instigante, valorizando as relações humanas e as perspectivas dos alunos nas práticas musicais” (DOGANI, 2004, apud BEINEKE, 2008, p.24).

Isso vale não só para a sala de aula nos moldes tradicionais, mas para qualquer ambiente que em que haja uma relação de ensino-aprendizagem, salientando a necessidade dos professores reconhecerem e valorizarem os conhecimentos e experiências dos alunos, conectando as vivências dos mesmos e as propostas do professor (BEINEKE, 2008). Embora as experiências fora de classe sejam limitadas, como mencionado anteriormente, elas são intensas e tornam aparente o apreço e a curiosidade das crianças para com a Música e a Composição. Com isso, tais experiências podem ser amplificadas com a possibilidade de ir ao encontro dos alunos cujos espaços os mesmos são autorizados a permanecer durante o intervalo.

Referências

BEINEKE, Viviane. A composição no ensino de música: perspectivas de pesquisa e tendências atuais Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 20, 19-32, set. 2008.

BRITO, Teca A. de. Koellreutter Educador: O humano como objetivo da educação musical, 2ªed. São Paulo, 2011.

COTRIM, Ricardo Murinho Braga. A composição musical em sala de aula com a utilização de meios eletrônicos. 2011. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

GAINZA, Violeta H. de. A improvisação musical como técnica pedagógica. Disponível em: <http://www.atravez.org.br/ceem_1/improvisacao_musical.htm>. Acesso em 21 de Agosto de 2014.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Diferenciações e integrações: o conhecimento novo na composição musical infantil, Porto Alegre, 2005.